A COR DA MINHA AFRICANIDADE

João Portelinha da Silva



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

A COR DA MINHA AFRICANIDADE

João Portelinha da Silva



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Projeto Gráfico, editoração, capa
Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma
Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, João Portelinha da
A cor da minha africanidade [livro eletrônico] / João Portelinha da Silva. -- João Pessoa, PB : Periodicojs, 2026.
PDF

ISBN 978-65-6010-246-0

1. Africanidade 2. Ancestralidade 3. Contos africanos 4. Diáspora africana I. Título.

26-405264.0 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB - SP-010133/O



Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

PREFÁCIO



Ao escrever estas linhas, percebo que ser africano não é uma nota de tom na pele, nem um rótulo que se possa pendurar à altura do pulso. Ser africano é, antes de tudo, uma forma de estar no mundo: é pensar, sentir e respirar África em cada gesto, em cada palavra que digo, em cada memória que carrega o chão que me formou. Há quem ainda suponha que a africanidade mede-se pela cor da pele. Não é assim. A cor que verdadeiramente importa não está na epiderme, mas na alma. Ela vibra como os provérbios que aprendi, ensina o respeito aos mais velhos, reforça o sentido de comunidade e revela que o outro é parte de mim. Ser africano é carregar uma herança que atravessa fronteiras e séculos, é entender que identidade é um mosaico de culturas, ritmos e vozes. África é diversidade, é mistura, é complexidade. É um lar de mil cores, de mil modos de ser. Reduzir a africanidade à cor da pele seria negar a riqueza de um continente que pulsa na convivência de povos, línguas e memórias compartilhadas. Assim como um europeu de pele clara pode carregar em si traços de uma herança africana, também eu não deixo de ser africano pela possibilidade

de outra moldura estética cercar-me. Angola é a mãe preta que nutria a cultura que desembarcou no Brasil, que se fez mucama, que amamentou tradições e criou pontes invisíveis entre continentes. Em cada uma dessas ligações, em cada canto lembrado, enraíza-se a sensação de ter casa onde o mundo parece menor e ao mesmo tempo mais vasto. Eu sou africano porque minha identidade é forjada pela terra de que brotei, pela língua que empurrou meu pensamento para além das fronteiras, pelos gestos que revelam uma memória coletiva. Trago comigo a dignidade de uma história que não se encerra, mas que se reescreve diariamente no ato de sonhar com um futuro onde a África não é apenas lembrança, mas presença viva. Este livro, A cor da africanidade, é uma tentativa de capturar esse permanecer vivo: a convicção de que a cor da África não se mede pela pele, mas pela alma. É também um reconhecimento de que a diáspora é uma casa compartilhada, onde as vozes se cruzam e o nosso afeto pela terra de origem se transforma em compromisso com o mundo. Que estas páginas sirvam para lembrar que o negro que carrega a história de África não precisa justificar a sua

pertença. Ele a celebra. E que, ao ler estes textos, cada leitor possa reconhecer a própria africanidade sem medo de ser plural, sem medo de ser inteiro.

Ndala Tshakussugãma

Sumário

RAÍZES NO SOLO DO HUAMBO

10

VOZES QUE ECOAM NO TEMPO

18

O RITMO DA TERRA NATAL

25

ALÉM DA PELE: A PRIMEIRA DÚVIDA

33

MEMÓRIAS DA MÃE PRETA

40

ENTRE LÍNGUAS E RAÍZES

46

O ESPÍRITO COMUNITÁRIO

53

O CONFLITO DA APARÊNCIA

59

CAMINHOS CRUZADOS: A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO

66

O RITMO DA RESISTÊNCIA

74

NARRATIVAS QUE TRANSFORMAM

80

QUANDO O CORAÇÃO RESPIRA ÁFRICA

86

A COR INVISÍVEL DA ALMA

92

PASSADO E FUTURO ENTRELAÇADOS

98

ÁFRICA: MIL CORES, MIL VOZES

104

O LEVE TOQUE DOS PROVÉRBIOS

110

ENCONTROS QUE DESAFIAM FRONTEIRAS

116

EU SOU EU MESMO: A CELEBRAÇÃO DA IDENTIDADE

122

RAÍZES NO SOLO DO HUAMBO



O sol ainda se espreguiçava no horizonte quando João despertou naquela manhã fresca no coração do Huambo. A aldeia, aninhada entre ondulações suaves de colinas verdes e vastos campos de milho, parecia respirar uma vida própria, pulsando a ancestralidade que corria nas veias daquele povo. Ele, menino de olhos curiosos e pele morena que carregava a história não só de sua família, mas de toda uma terra inteira, sabia que ali começava sua jornada para entender o que significava ser africano — não pela cor da pele, mas pelo ritmo do coração que eletrizava cada gesto e cada palavra.

O quintal da casa da avó era um santuário para João. Mangueiras frondosas concediam a sombra indispensável ao calor do meio-dia, e os sons da manhã não eram apenas ruídos: eram melodias que embalavam a existência daquele pedaço de mundo. O chilrear dos pássaros misturava-se com o canto suave das crianças, e de longe vinha o ritmo ritmado dos tambores da aldeia, convocando para o dia que estava por vir. O aroma da terra molhada depois da noite de chuva era inconfundível, carregado da promessa de vida e

renovação.

João gostava de acompanhar sua avó, Nzinga, uma mulher que, aos seus setenta anos, era uma biblioteca viva de histórias e tradições. Ela caminhava com passos firmes e ao mesmo tempo suaves, como se tocasse as pedras e raízes humildemente, respeitando o chão que a nasceu. Naquela manhã, Nzinga se preparava para um evento especial — o ritual de iniciação das crianças da aldeia, um momento de passagem sagrado, onde a cultura e a ancestralidade seriam vividas em toda a sua plenitude.

Enquanto a aldeia despertava, as mulheres começavam a preparar o ntemo, um prato tradicional feito à base de funge, farinha de milho, e legumes da época. A fumaça das águas ferventes se misturava ao cheiro doce das frutas que estavam à venda nas pequenas bancas feitas com troncos entalhados. Crianças corriam, repetindo os cantos que aprenderam desde cedo, seus rostos iluminados por sorrisos que carregavam o peso da inocência e a leveza do pertencimento.

João foi buscar água na fonte com seu pai, Kofi,

um homem robusto, cujas mãos já mostravam as marcas do trabalho duro no campo, mas cujo abraço era sempre uma fortaleza de afeto. Enquanto seguiam o caminho ladeado por acácias e ipês em flor, João perguntava coisas sobre a aldeia e suas raízes.

— Pai, de onde veio o nome do nosso povo? — perguntou-lhe, olhando para o céu azul que parecia infinito.

Kofi parou por um instante, respirou fundo e respondeu com a paciência que só os anciãos possuem.

— João, nosso povo é herdeiro dos antigos Ovimbundos. O nome 'Huambo' significa "encontro", porque nossa aldeia sempre foi um ponto de união entre famílias e histórias, entre passado e futuro.

João sentiu a força dessas palavras. O que para outros seria apenas uma resposta simples, para ele era uma janela aberta para mundos invisíveis, cheios de significados antigos. Começou a compreender que ali, naquele lugar, cada pedra, cada árvore e cada rosto tinham uma história gravada, uma dança silenciosa no tempo.

Ao retornarem com o cântaro cheio, foram

recebidos pelo grupo de mulheres que já entoavam cantigas envolventes, cujas letras falavam da mãe terra, das colheitas e da proteção dos antepassados. Era uma linguagem que não precisava de tradução, pois vibrava direto no peito de João. Ele percebeu que essas canções eram fios invisíveis ligando presente e passado, crianças e idosos, céu e terra.

Na tarde daquele dia, durante o ritual de iniciação, João viu os mais velhos reunirem-se ao redor da fogueira. Nzinga, com sua voz grave e pausada, declamava os provérbios que orientavam a vida da aldeia. Ele ficou hipnotizado por cada palavra, como se nelas estivessem guardadas as chaves para os mistérios do mundo.

— "Quem quer colher, tem de plantar com paciência." — repetia Nzinga, enquanto os jovens escutavam com reverência.

A aldeia inteira parecia então respirar uníssono, um bater de corações amplificado pelo fogo e pela tradição. João observava os gestos — o toque no rosto dos iniciantes, o simbolismo das tintas naturais desenhadas na pele, a dança que misturava graça e força, revelando aquilo que

não se podia explicar apenas com palavras.

Naquele instante, ele sentiu algo nascer dentro dele: a noção de um pertencimento que ia além da carne e do sangue, um elo indissolúvel com aquela terra, com aqueles rostos e com aquele modo de ser. Ali compreendeu que ser africano era sentir a ancestralidade pulsando, invisível mas inquebrável, sob cada passo dado no solo do Huambo.

As histórias da aldeia, que até então pareciam simples contos para embalar o sono, ganharam novas cores. João escutou sobre Nyame, o Deus do céu, e seus feitos generosos. Ouviu sobre os antepassados que enfrentaram dias de fome e guerra, mas que nunca perderam a força, a fé e a sabedoria. As vozes dos anciãos, ora suaves, ora firmes, carregavam uma responsabilidade sagrada: a de manter viva a chama da identidade, mesmo quando o mundo além da aldeia parecesse distante e incompreensível.

Nas noites estreladas, João deitou-se sob o teto de palha da casa da avó. Lá fora, o sussurrar do vento entre as árvores contava segredos antigos, enquanto dentro dele uma inquietação nova crescia lenta, como um broto que se

abre para o sol. Ele queria não só ouvir as histórias, mas ser parte delas. Queria entender o que fazia de sua cultura algo único, algo que não poderia ser reduzido à cor de sua pele, mas que morava no ritmo das batidas do tambor, nas palavras da avó e no pulsar da terra sob seus pés.

No dia seguinte, João acordou com os primeiros raios da manhã e, com o coração cheio daquele sentimento novo, correu para a praça central da aldeia. Ali, circulavam os homens e mulheres preparando a festa que celebraria a colheita. As crianças, ele inclusive, seriam parte das danças, dos cantos e das orações que agradeciam aos espíritos pela generosidade da terra.

— João! Venha cá! — chamou uma voz conhecida, a de Mwana, sua melhor amiga, que o puxava para uma roda de crianças.

Eles começaram a girar ao som dos batuques, as vozes se entrelaçando em palavras que pareciam mágicas, criadas para conectar o corpo à alma dessa terra. Era uma comunhão profunda, ancestral, onde João já não se sentia apenas um menino olhando para o mundo — ele começava

a habitar aquele mundo, como uma extensão viva de sua cultura.

Naquela tarde, ao olhar para o céu tingido de tons alaranjados pelo entardecer, João compreendeu a verdade mais profunda: a africanidade era uma presença, uma energia que não se via ao redor, mas que se sentia no ar, nas histórias, no toque e no olhar. Era um sentimento de pertencimento e de amor por tudo o que o rodeava — um amor tão vasto quanto as planícies que se estendiam para além do Huambo.

A aldeia, com seus sons, cores e rostos, estava enraizada no tempo — era a primeira morada do seu ser. Ali desabrochava a semente que, anos depois, ele entenderia ser a verdadeira cor de sua africanidade: uma cor feita de histórias, ritmos, memórias e respeito profundo pela terra que o viu nascer.

E assim, naquele princípio, João soube que seu caminho seria levar consigo a voz das raízes do Huambo — um legado maior que qualquer forma, qualquer aparência, uma pulsação ancestral que o acompanharia por toda a vida.

VOZES QUE ECOAM NO TEMPO



A claridade suave do entardecer tingia o céu da aldeia com nuances de dourado e púrpura, enquanto João acomodava-se aos pés do velho baobá, esperando a chegada dos anciãos. A praça central estava envolta naquele silêncio reverente que anuncia algo importante, algo que transcende o instante e se liga ao passado profundo. Ali, entre o aroma de terra úmida e o frescor das folhas, o menino sentia um formigamento no peito — uma mistura de ansiedade e reverência, como se estivesse prestes a receber um segredo sagrado.

Nzinga, sua avó, chegou carregando consigo um cesto de flores e raízes, símbolo de proteção e sabedoria. Ao seu lado, vinham outros mais velhos, sentados em círculos descontraídos, acostumados a serem a ponte entre o passado e o presente da aldeia. João observava os rostos sulcados pelo tempo e pela sabedoria, cheios de cicatrizes e sorrisos silenciosos, e se perguntava quantas histórias ainda guardavam em seus corações.

— Vocês já ouviram dizer que “o menino que não pergunta, fará o homem triste”? — Nzinga iniciou o

encontro, os olhos brilhando com a magia do saber ancestral.

João virou para sua amiga Mwana, e ambos trocaram um olhar cúmplice: provérbios, ele começava a entender, eram muito mais do que frases soltas; eram chaves que abriam portas para o entendimento do mundo. Mas o que exatamente eles queriam dizer? Ele não tinha certeza ainda, mas sentia que ali, naquele momento, estava começando a se construir um universo novo.

Naquele círculo, as vozes dos mais velhos transformaram-se em cantos contínuos. Nyasha, o ancião de voz grave e pausada, falou com autoridade:

— "A água que você bebe hoje é a mesma que seus avós beberam há muito tempo." Isso nos lembra que somos parte de uma corrente imensa, João; uma história que nunca termina.

João fechou os olhos um instante, tentando absorver aquele ensinamento. Era como se dentro dele uma ponte invisível se estendesse através do tempo, unindo seu pequeno corpo ao de avós distantes, que viveram em outras eras, sob o mesmo céu de estrelas escuras.

Mais tarde, Nzinga iluminou o significado de outra frase que reverberava na mente do menino:

— "Quando a cobra morde uma pessoa, não é só a pessoa que sofre, é toda a aldeia." Essa é a lição do coletivo, querido. Aqui, ninguém está sozinho; nossa força está na unidade e na solidariedade.

João sentiu um calafrio de entendimento. Na escola, ele ouvia falar sobre "indivíduo" e "egoísmo", mas ali, ao redor daquele baobá, a palavra que mais importava era "nós". O "eu" se diluía diante da imensidão do grupo, do povo que criava, acolhia e protegida cada um.

— Então, o que acontece com um, acontece com todos? — João perguntou, a voz cheia de curiosidade.

Nzinga assentiu com um sorriso maternal:

— Exatamente. Somos como raízes entrelaçadas sob a terra; cada um se apoia no outro para crescer forte.

O menino percebeu que não era à toa que os mais velhos insistiam tanto na oralidade. As histórias não eram apenas para distração ou memória; eram o tecido que mantinha unida a identidade do povo, uma força que

atravessava gerações e fronteiras invisíveis.

— João, chegou a tua vez — disse Nyasha, chamando-o para perto da fogueira que começava a crepitar.

O coração do menino disparou. Com as mãos trêmulas, ele foi se aproximando e sentiu o calor que emanava das brasas, um abraço antigo, como se o fogo fosse um guardião das histórias. Olhando para a roda que o rodeava, sentiu-se pequeno entre aqueles gigantes do saber, mas também parte daquela linhagem.

— Conta para nós o que aprendeu hoje — pediu a Nzinga, encorajando-o com o olhar.

João hesitou, e então lembrou de um provérbio que havia escutado pela manhã, quando brincava com os irmãozinhos perto do rio:

— "Quem tem boca vai à Roma, mas quem tem coração sabe onde quer chegar."

Os anciãos sorriram, reconhecendo ali a sabedoria oculta na fala da criança. Nzinga o abraçou com carinho e explicou:

— Nem sempre é pela fala ou aparência que se

revela a verdade. O coração é o mapa, filho, é ele que guia.

Aquilo se tornou um momento sagrado para João. Ao lado dos ancestrais, ele entendia que a oralidade era um ato de resistência, de celebração e de memória viva — um instrumento poderoso para preservar a identidade africana que o definia mais do que a própria pele.

Ao soar dos tambores que anunciavam o fim da reunião, João sentou-se lado a lado com Mwana. Eles trocavam impressões naquela linguagem muda, feita de olhares reluzentes, onde palavras eram desnecessárias. Entre eles, uma certeza começava a se cristalizar: aqueles provérbios eram muito mais que frases — eles eram a batida do próprio coração africano, pulsando forte dentro de cada um.

Naquela noite, ao deitar-se sob o céu bordado de estrelas, João fechou os olhos e ouviu a voz da avó retumbando em seu interior, repetindo os provérbios, as histórias, os ensinamentos. Sentiu, pela primeira vez, o eco inconfundível da ancestralidade vibrando em seu peito.

Mais que nunca, ele sabia que aquelas vozes, que

ecoavam no tempo, seriam a bússola de sua vida — a fonte da sabedoria que moldaria seu caráter, sua forma de pensar, sentir e pertencer.

Porque, afinal, ser africano era também aprender a ouvir o silêncio que fala, o instante que carrega passado, presente e futuro, e as palavras ditas e não ditas que mantêm viva a alma de um povo. E João estava pronto para ouvir.

O RITMO DA TERRA NATAL



O sol emergia lentamente no céu do Huambo, pintando de laranja e rosa as vastas planícies que cercavam a aldeia. O canto dos galos anunciava o início de um novo dia enquanto João despertava com o coração palpitando em sintonia com aquele mundo vivo ao seu redor. Ali, naquele pequeno pedaço de terra onde a natureza parecia cantar em uníssono com as pessoas, ele começava a sentir, de forma visceral, o ritmo que pulsava na alma da sua cultura.

Acordar cedo era parte do ritual. João sabia que, antes mesmo do primeiro raio de sol tocar as copas das árvores, a aldeia já começava a se preparar para o dia: os homens apanhavam suas ferramentas, as mulheres acendiam fogueiras para cozinhar o ntemo, e as crianças saíam risonhas para colher os frutos silvestres, como se o mundo todo fosse um convite às descobertas. O ar fresco da manhã ressoava com o ruído das conversas, risos e passos apressados, uma sinfonia espontânea que João aprendia a decifrar desde pequeno.

Rolando para fora de sua esteira de capim, o menino corria para o quintal, onde sua mãe já dançava

suavemente ao som dos tambores, marcando os tempos com os pés descalços que mal tocavam o chão. Ela o chamava para juntar-se a ela, e assim começavam as lições que iriam além dos gestos, uma verdadeira imersão num mundo feito de sons, movimentos e corações que batiam juntos.

— Vem, João. Sente o batuque no teu corpo — dizia ela, enquanto seus dedos ágeis batiam um ritmo que ecoava pela aldeia inteira.

No começo, o menino tentava reproduzir os movimentos, mas seus passos desconexos mais pareciam tropeços. Porém, havia algo mágico em cada batida – uma energia ancestral que o seduzia, que convidava a mergulhar na dança como quem se entrega a uma conversa profunda. Aos poucos, João sentia as batidas reverberarem em seus ossos, num pulsar que já não era só musical, mas espiritual.

Durante os dias seguintes, ele foi descobrindo os diferentes momentos em que a dança e o canto integravam a vida da aldeia, acompanhados pelas vozes e peles que se transformavam em instrumentos vivos. Nas manhãs, as mulheres cantavam enquanto moíam o milho, as vozes se

elevando em preces discretas para agradecer ao céu pela colheita. À tarde, os jovens treinavam os movimentos para as próximas celebrações, os corpos suando sob o sol quente, mas cheios de alegria.

Para João, aprender a dançar não era apenas um passatempo — era forma de participar daquilo que ele já começava a entender como uma linguagem maior, aquela que redenominava o espaço e o tempo por meio da comunhão coletiva.

Em uma manhã de sábado, próximo ao mercado da aldeia, houve um convite especial: os anciãos chamaram as crianças para prestarem atenção ao "ritmo da terra". Nzinga explicou que a música e a dança eram muito mais do que entretenimento; eram narrativas corporificadas, histórias contadas sem palavras, capazes de transmitir as dores, as conquistas, e a esperança do povo.

— Nosso ritmo é o que nos mantém vivos — disse ela, enquanto seu olhar atravessava o menino. — É a pulsação da história, a força que nos liga à terra e uns aos outros.

Naquela tarde, reunidos ao redor da fogueira que crepitava, as narrativas ganharam vida. João viu homens e mulheres trajando roupas coloridas, adornadas com miçangas e penas, que reluziam sob o fogo. Os dançarinos moviam-se com fluidez, um passo fluía no próximo, cada gesto carregava um propósito, um significado oculto. As palmas, os tambores e os cânticos misturavam-se, formando uma teia sonora que parecia envolver o menino, que não conseguia desviar o olhar.

Mwana, sua amiga, segurava suas mãos firmemente, e juntos tentavam repetir os passos ensinados, ainda trôpegos mas ansiosos.

— Sente o batuque no peito, João, como se fosse o coração da mãe terra — ela sussurrou, os olhos brilhando.

Era impossível não se deixar levar pela cadência da música, pelos pés que pisavam e levantavam a poeira, pelas vozes que entoavam louvores e histórias que atravessavam séculos. João sentia que, ali, no meio daquela dança, não existia diferença entre jovem e velho, homem e mulher, menino e menina — era tudo um só corpo pulsante.

Nos dias que se seguiram, o menino começou a perceber que os sons da aldeia tinham uma intensidade e um significado que escapavam a quem não os compreendia. O barulho das folhas ao vento, o murmúrio do riacho, o tilintar das cabaças — tudo isso era parte do ritmo que moldava o cotidiano e construía as memórias. Era uma cadência que ensinava paciência e alegria, que falava de pertencimento sem precisar de palavras.

João também começou a entender que o ritmo da terra nativa não estava apenas no movimento do corpo, mas no diálogo silencioso entre as pessoas e o ambiente. Cada gesto simples — a forma de carregar a água, o modo de preparar o fogo, o jeito como as crianças corriam — compunha uma melodia vibrante e única.

Certa vez, durante uma festa da colheita, João viu os anciãos reunidos para contarem histórias e entoarem canções que celebravam o ciclo da vida. As palavras, as vozes, e os ritmos se entrelaçavam em uma celebração do tempo e do espaço, da luta e da esperança. Ele ouviu histórias de heróis e heroínas que, com suas ações, preservaram

os valores da aldeia e da cultura. Cada narrativa era uma partitura que guiava seus passos em direção a algo maior que ele próprio.

Naquele momento, ao sentir o tambor pulsar contra sua pele, João percebeu que o ritmo da terra natal não tinha nada a ver com aparências ou definições superficiais. Era uma sintonia profunda, uma experiência sensorial e emocional que o envolvia e o coloria por dentro, despertando em seu coração a compreensão de que a africanidade era algo vivo, complexo e inesquecível.

Quando a noite desceu e as estrelas começaram a pontilhar o céu, ele se deitou sob a copa estrelada, ainda com as batidas do tambor ecoando em sua mente e no seu corpo. Sentiu, naquele silêncio sagrado, que cada dança, cada canto, cada toque, era um fio invisível que o ligava à sua aldeia, à sua cultura, às suas raízes.

E enquanto o Huambo dormia, João fechou os olhos com a certeza de que levaria para sempre consigo o ritmo da terra natal — não como uma simples lembrança, mas como uma pulsação que o acompanharia por toda a

sua vida, guiando seus passos no mundo vasto, impetuoso e belo que o esperava lá fora.

ALÉM DA PELE: A PRIMEIRA DÚVIDA



A escola primária do vilarejo ficava bem no centro da aldeia, uma construção simples, de paredes grossas e janelas estreitas, pintadas de um branco que o sol fazia desbotar com o tempo. Era um lugar onde as vozes das crianças ecoavam durante as manhãs, se misturando ao barulho dos pássaros e ao tilintar das cabaças penduradas nas varandas para secar. Para João, aquele espaço representava um universo vasto e estranho, onde as certezas do mundo da aldeia começavam a ser desafiadas — sobretudo por uma pergunta que chegou para ele como um golpe sutil, mas profundo.

O dia se iniciou como sempre, com o "bom dia" das crianças e o alvorecer enchendo a sala de um calor confortável. João estava empolgado; iria aprender mais sobre a história de Angola, os rios, as montanhas, e as tradições do seu povo. Ainda tinha nos ouvidos o som dos tambores e a dança do Huambo, aquele ritmo pulsante que carregava no peito. Mas naquele dia, algo diferente o esperava.

O professor, um homem sempre muito formal, com um terno surrado e voz grave, começou a aula falando sobre

os diferentes povos e etnias de Angola. Mostrou fotos com rostos que João reconhecia bem e outros que lhe pareciam distantes, como pessoas de terras diferentes. De repente, apontou para uma fotografia e disse:

— Observem vocês, alunos, que a verdadeira africanidade está na pele escura. Vocês veem aqui o que é ser africano, a pele é que define.

O silêncio caiu pesado na sala. João encarou o homem com os olhos arregalados. Ele lembrava do colorido das roupas, da diversidade dos rostos na aldeia, e também da sua própria pele clara, que não correspondia à imagem que o professor apresentava. Um turbilhão de dúvidas começou a se formar dentro dele.

Na hora do intervalo, João sentou-se ao lado de Mwana e ouviu, pela primeira vez, algo que jamais tinha ouvido na aldeia:

— Você não parece africano, João. — disse um garoto da turma, um pouco mais velho, com a voz cheia de convicção, como se aquela fosse uma verdade absoluta.

João ficou sem reação. Mwana, sensível como

sempre, tocou seu braço e sussurrou:

— Mas eu sei quem você é. Ser africano não é só a pele.

Ele tentou responder, mas as palavras se embaralhavam. Por que aquela pele que todos os dias ele via refletida no espelho não correspondia ao que os outros julgavam ser "africano"? Aquela simples frase carregava uma angústia nova, um desconforto que ele não sabia nomear.

Nos dias que sucederam, o menino passou a observar mais atentamente o olhar dos colegas e mesmo de alguns professores, identificando notas de surpresa, dúvida e, às vezes, de rejeição velada. Ele lembrava dos provérbios da avó, das histórias de coragem e sabedoria, mas aquilo tudo parecia muito distante daquele novo mundo escolar, onde as fronteiras entre uma identidade e outra pareciam ser desenhadas nas cores da pele.

Uma tarde, enquanto andava pelo caminho de terra batida que levava à aldeia, João cruzou com seu pai, Kofi, que o olhou com um sorriso compreensivo ao notar a

expressão preocupada do garoto.

— O que se passa, meu filho? — perguntou, parando para ajeitar a mochila do menino.

João hesitou, e então perguntou:

— Pai, por que na escola dizem que para ser africano só basta a pele escura? Eu não sou assim... Será que sou menos africano por isso?

Kofi suspirou, puxando o menino para um abraço forte, como se quisesse transmitir toda a força de seu próprio sangue e ancestralidade.

— João, ninguém pode reduzir a africanidade a só uma cor. O que somos é muito mais profundo. Nossa essência está em nossa cultura, na nossa língua, nas histórias que nos formam. A pele é apenas uma capa, uma aparência que muda. Ser africano é o que sentes no coração e no espírito.

As palavras do pai foram um bálsamo e, ao mesmo tempo, um desafio. Ali, naquele abraço, João sentiu que a questão não era simples, mas que ele estava disposto a enfrentá-la.

Ao voltar para a escola, resolveu que buscaria respostas. Participou das rodas de conversa, ouviu com atenção cada relato dos anciãos que visitavam a turma, contou suas próprias dúvidas para a professora, que aos poucos começou a perceber que estava diante de um menino que precisava ir além dos conceitos simplórios.

— João, sua africanidade é tão rica quanto aquela dos que têm a pele mais escura — disse ela, num gesto de reconhecimento. — Às vezes o mundo quer colocar tudo em caixas pequenas, mas a vida é um gigantesco mosaico.

Nesse processo, João entendeu que as perguntas não eram fraqueza, mas passos para a construção de sua identidade. Começou a perceber que, na aldeia, ele era aceito não pelo tom de sua pele, mas pelo modo como sorria, falava os provérbios antigos, dançava e compartilhava a cultura com o povo. Ali, ele era filho da terra, herdeiro dos ancestrais, independente da aparência.

Em uma tarde chuvosa, quando o céu parecia chorar junto com suas dúvidas, João sentou-se na varanda da casa da avó, olhando o chão molhado e refletindo sobre

o que aprendera.

— Você sabe, João — disse Nzinga, chegando silenciosa e se sentando ao seu lado — a pele é só o tecido que cobre um segredo muito maior. Nossos corações carregam a força da África, e isso ninguém pode apagar.

João sorriu lentamente, sentindo ao mesmo tempo a dor e a esperança. A dúvida que antes o assombrava começava a se transformar em um passo firme rumo a uma identidade que ele mesmo iria construir, uma africanidade que ultrapassava a pele e morava na alma, na cultura, na língua e no amor que sentia por sua terra e seu povo.

Assim, naquele vilarejo do Huambo, sob o céu vasto e testemunha, João iniciou sua travessia para entender o que significava ser verdadeiramente africano — uma jornada que jamais terminaria, porque a verdadeira identidade se constrói todos os dias, com coragem, perguntas e a força invencível das raízes que, apesar dos ventos e das tempestades, permanecem firmes e vivas.

MEMÓRIAS DA MÃE PRETA



Aparentemente, uma tarde comum na aldeia do Huambo se transformou em um momento que mudaria para sempre a forma como João via seu lugar no mundo. A luz do entardecer filtrava-se entre as folhas das mangueiras, enquanto uma brisa suave trazia o aroma de flores e terra molhada. Na praça central, um grupo de jovens e anciãos reunia-se para ouvir um visitante especial: Dona Beatriz, uma senhora de voz firme e olhar profundo, que havia viajado de Angola ao Brasil, trazendo consigo histórias que se entrelaçavam com as memórias daquele pedaço da África.

João, curioso e atento, sentou-se no lugar de sempre aos pés do baobá, ao lado de Mwana e outras crianças. O silêncio tomou conta enquanto Dona Beatriz começava a contar, com palavras carregadas de emoção, sobre a 'Mãe Preta' — uma figura que ecoava nos corações de ambos os mundos, uma mulher negra que, através de sua força, coragem e amor, havia alimentado uma nação distante e plantado sementes culturais que floresceriam em terras brasileiras.

— Vocês sabem, crianças — iniciou ela, — muitos dos habitantes do Brasil carregam em seu sangue a história de Angola, embora muitas vezes não saibam disso. Essas raízes atravessam o Atlântico, como um rio invisível que nunca seca.

João ficou fixo, sentindo o peso daquela história pulsar dentro de si. Aquela "Mãe Preta" era muito mais do que uma lenda. Era a presença vibrante da ancestralidade que ligava dois mundos separados pela água, mas unidos por uma cultura, uma resistência e uma identidade profunda.

Dona Beatriz prosseguiu, contando como, durante séculos, mulheres angolanas que foram trazidas para o Brasil como escravas, conhecidas como mucamas, exerceram um papel vital. Não apenas amamentavam e cuidavam das crianças brasileiras, mas também transmitiam costumes, línguas, cânticos e um modo de ser que ainda hoje reverbera na música, na dança e na espiritualidade do Brasil.

— Essas mulheres — explicou — eram guardiãs da cultura. Enquanto seus corpos estavam em terras estrangeiras, seus corações e mentes batiam no compasso

da África. Por meio delas, a nossa identidade resistiu a todas as tempestades.

João sentiu um calor diferente subir pelo peito, uma mistura de orgulho e pertencimento. Ele pensou nos tambores que ouvira nas cerimônias da sua aldeia e percebeu que, na terra distante, em outra língua, aqueles mesmos sons e ritmos ecoavam. Era como se ele já tivesse dançado antes, mesmo sem nunca ter pisado em solo brasileiro. Era como se a "Mãe Preta" o tivesse amamentado de algum modo, embebendo-o com uma força que transcendia o tempo e o espaço.

Naquele momento, Mwana sussurrou ao seu lado:

— Vê? A nossa história é uma só, mais vasta e profunda do que qualquer fronteira.

João sorriu, sentindo-se pela primeira vez não apenas um filho do Huambo, mas parte de uma ancestralidade que viajara por oceanos e vivia em milhares de corações espalhados pelo mundo.

Enquanto Dona Beatriz narrava mais histórias — da capoeira, dos batuques, dos cultos aos orixás e das festas que

celebravam os ancestrais — João começou a compreender que a africanidade não era um conceito limitado ao espaço físico do continente, mas uma força fluida, viva, inserida em cada canto, toque e sorriso daqueles povos espalhados. Era como se aquele elo invisível unisse a aldeia em Angola às ruas do Rio de Janeiro e aos terreiros do Candomblé.

Após a roda de histórias, João caminhou até o topo da colina que cercava a aldeia e olhou para o céu aberto. O vento brincava com suas vestes, e cada suspiro da natureza parecia sussurrar segredos antigos. Ele sentiu que, apesar dos milhares de quilômetros que separavam Angola do Brasil, ali dentro de si havia um lar invisível — uma casa espiritual onde repousava a mãe preta, que o acolhia e o amamentava com força e esperança.

Naquela noite, enquanto o frio da noite caía sobre Huambo e as estrelas brilhavam com intensidade singular, João escreveu em sua mente uma promessa silenciosa: carregar consigo aquele elo indestrutível, honrar sua ancestralidade compartilhada e celebrar sempre o poder do pertencimento que ultrapassa qualquer distância.

Porque ser africano, agora mais do que nunca, significava entender que sua alma não estava confinada a uma terra só — era uma chama viva, que atravessava continentes, unia culturas e reverberava em mil vozes, em mil cores distintas, mas sempre emanando a mesma essência luminosa e forte da "Mãe Preta".

E naquele silêncio poderoso, João sentiu seu coração respirar África, com a certeza de que nunca estaria verdadeiramente distante, pois carregava nas veias a força da mãe que o criou e a história que o embala.

ENTRE LÍNGUAS E RAÍZES



As primeiras luzes da manhã filtravam-se pela copa das árvores, banhando a aldeia do Huambo com um brilho suave e acolhedor. O ar trazia consigo o suave cantar dos pássaros e o murmúrio distante do riacho, compondo uma melodia cotidiana, linda em sua simplicidade. João acordou naquela manhã com um interesse novo e inquietante pulsando no peito — a descoberta das línguas que ecoavam em cada canto de sua terra, encantado pela variedade e pela profundidade que aquela multiplicidade trazia para os seus sentidos e para sua alma.

Na casa da avó Nzinga, espalhavam-se pela sala pequenos cadernos onde ela anotava palavras e frases em kikongo, umbundu e kimbundu, línguas ancestrais que serpenteavam desde tempos imemoriais pelas aldeias angolanas. Para João, até então acostumado ao português da escola e à mistura falada na aldeia, aquelas línguas soavam como um encanto misterioso — uma cadência que transcendia a simples comunicação para tocar na essência do ser.

— João, a língua é mais do que palavras — disse

Nzinga numa manhã enquanto preparava o café da manhã. — Ela é o coração do nosso povo, a voz dos antepassados que ainda vivem conosco, a ponte que liga o passado ao presente.

João ouviu com atenção, tentando absorver cada palavra. Para ele, as línguas não eram apenas registros fonéticos; eram como rios de significado que carregavam memórias, sentimentos e sabedorias. Entendeu que cada expressão em kikongo, cada canto em umbundu, continha uma alma própria, que só podia ser verdadeiramente compreendida por quem se disponha a ouvir com o corpo e não só com os ouvidos.

Durante sua rotina diária, ele reparava em como as pessoas trocavam não apenas palavras, mas gestos, olhares, entonações que transmitiam um significado maior. No mercado, as negociações não eram meras trocas de mercadoria; eram danças verbais, carregadas de respeito, humor, e uma inteligência ancestral que forjava conexões profundas.

Na escola, João começou a ter aulas dedicadas ao

estudo das línguas locais, onde ele, junto a outros meninos e meninas, aprendia versos, canções e provérbios na língua kikongo. O som das palavras crescia dentro dele como um encanto, e ele se sentia conectado a algo maior, uma comunhão invisível que unia sua geração à dos seus bisavós.

Numa das aulas, a professora apresentou um provérbio que causou um impacto duradouro no menino:

— "Kuna muntu muntu nga bantu" — repetiu devagar, olhando nos olhos de cada um. — Significa "a pessoa é pessoa através de outras pessoas". É a essência da nossa comunhão.

João compreendeu ali que a língua era, portanto, a base de uma rede invisível que unia gerações, clãs e aldeias. Era o fio que tecia relações de cuidado, respeito e pertencimento. Não era apenas uma ferramenta de fala, mas um organismo vivo, cheio de alma, cultura e identidade.

Em tardes longas, depois das aulas, ele acompanhava Nzinga até a praça onde os anciãos se reuniam para trocar histórias e recitar poesias ancestrais. Ele se maravilhava com o poder da oralidade — as palavras voavam animais,

objetos, sentimentos, ensinamentos importantes da vida cotidiana. Cada palavra, entoada em kikongo, parecia despertar um ancestral invisível, fazendo-o dançar junto à roda, em uma celebração vibrante da cultura.

— João, aprende bem estes sons — dizia a avó com firmeza doce. — Porque não é só a língua que se fala, é a alma do nosso povo que se expressa.

Em uma dessas reuniões, João ouviu relatos sobre como a língua servia para preservar sabedorias essenciais: o nome de plantas medicinais, as técnicas de plantio, as histórias das grandes famílias, os mitos e as lendas que explicavam o cosmos. Cada palavra carregava peso, história e vida.

Por entre essas vozes, João conheceu histórias sobre o significado dos nomes das crianças e como eles revelavam virtudes, esperanças e características que a comunidade desejava cultivar. Sentiu nos nomes uma reverência profunda à vida, uma celebração ao ciclo eterno entre o passado, o presente e o futuro.

Com o passar do tempo, suas dúvidas sobre quem

ele era se dissipavam gradativamente e dava lugar a uma certeza que florescia no silêncio do contato com as línguas: sua identidade não estava encapsulada em uma só palavra, nem em uma só tradição — ela era um mosaico vibrante, carregado de sons, significados e gestos vivos.

Não era à toa, pensava João, que a africanidade se traduzia em tantos tons e vozes, que nenhuma palavra isolada poderia capturar. Ali, naquele mosaico linguístico, ele descobria as raízes que o sustentavam, a sua base sólida para enfrentar o mundo.

Numa noite em que a lua cheia tingia o céu de prata, João sentou-se ao lado da avó sob o céu estrelado. Entre sussurros, começou a recitar versos que aprendera naquela tarde em kikongo, sentindo a língua penetrar nele como uma melodia suave e profunda.

E enquanto as vozes antigas deslizavam de sua boca jovem, ele soube que carregava não só as palavras, mas a força de uma cultura inteira — uma rede invisível que unia tempos e pessoas, e que, para ele, significava algo maior do que qualquer imagem, maior até que qualquer

preconceito.

Naquele instante, João sentiu que a verdadeira cor da sua africanidade não estava na pele, nem no rosto — mas na alma que aprendia, escutava, falava e guardava as línguas e raízes de sua terra. Uma riqueza viva, eterna e pulsante, que ninguém jamais poderia tirar dele.

O ESPÍRITO COMUNITÁRIO



O sol aquecia o chão da aldeia do Huambo enquanto João corria descalço pela trilha que levava à casa de seu tio Nzau, onde todos se reuniriam naquela tarde para celebrar um momento especial: a colheita dos primeiros frutos da estação, uma festa que reunia não só a família, mas toda a comunidade. O menino sentia no peito uma alegria profunda, porque sabia que ali o sentido do ser africano ia muito além dele mesmo — estava na união, no cuidado mútuo, no calor que brotava do vínculo compartilhado.

Ao chegar, foi recebido por sorrisos abertos e abraços largos. A casa estava cheia: crianças rindo, mulheres movendo-se com graça preparando os pratos, homens afinando tambores e afiando facas para a limpeza dos legumes. João percebeu uma atmosfera de festa, mas também de cumplicidade — algo que não se ensinava em livros nem se explicava facilmente, mas se vivia intensamente.

Enquanto ajudava a carregar os cestos de mandioca e milho para a mesa, João refletia sobre as palavras recentes de sua avó Nzinga, que sempre falava da importância do

coletivo — do “nós” maior que abraça e sustenta cada “eu”.

— João — falou sua avó, enquanto encaixava as mãos calejadas às dele — lembra-te: nenhuma árvore cresce firme sozinha. Suas raízes vivem entrelaçadas com outras, é junto delas que encontra força. Assim somos nós.

O menino entendeu que, na aldeia, sua individualidade era uma peça em um vasto mosaico, e que ali, no calor daquele “nós”, sua identidade se fortalecia e expandia.

Logo, os tambores começaram a ressoar, ritmados e contagiantes, convidando todos para a roda de dança, que era o coração da celebração. João juntou-se às crianças, sentindo cada batida vibrar em sua pele, cada passo de dança um laço invisível que se firmava entre ele e os demais participantes. Mwana segurava suas mãos, e juntos giravam, pulsando na cadência das batidas que pareciam falar diretamente às suas almas.

No centro daquela circulação, Nzinga entoava um cântico antigo, repetindo um provérbio que reverberava na mente do menino:

— “Um só braço não pode sustentar a cabeça.” — dizia ela — “Por isso somos irmãos e irmãs, cada um cuidando do outro.”

João observava os rostos ao redor, todos marcados pelos dias e histórias, mas unidos naquele ritual onde a distinção individual desaparecia. Ali, ele via a essência do espírito comunitário — a certeza de que amar e apoiar o outro não diminui o “eu”, mas o engrandece.

Em meio aos festejos, João lembrou-se de uma cena da última semana na escola, quando um garoto que tinha dificuldades para carregar seus livros recebeu ajuda de toda a sala. Na aldeia, isso era natural, uma extensão imediata do que ele aprendia dentro de casa. O coletivo assumia a responsabilidade do bem-estar de cada um, celebrava conquistas e aliviava sofrimentos.

Enquanto a noite caía, lanternas de cera iluminavam rostos alegres e cansados à sombra das árvores. Histórias começaram a ser contadas novamente, não mais dentro da escola, mas ao redor da fogueira – histórias que exaltavam não só as grandes figuras, mas também os atos diários de

solidariedade e coragem das pessoas comuns.

João ouvia fascinado, percebendo que aquele espírito de comunidade era o que sustentava a alma de sua aldeia e que ele, menino de pele clara e coração africano, era parte legítima daquele abraço coletivo.

Naquele instante, algo dentro dele se confirmou: que a africanidade viva e pulsante que sentia não estava em si só, mas na rede invisível de relações e afetos que os ligava uns aos outros. Era esse "nós" que dava significado e força para seu "eu" ser inteiro e reconhecido.

Antes de se despedir, Nzinga o puxou para mais perto e sussurrou em seu ouvido com ternura:

— Nunca esqueças, João, que quando o "eu" se perde no "nós", é a vida que ganha sentido. Somos uma só alma, fragmentada em muitos corpos.

Naquela noite, ao retornar para casa sob o céu estrelado do Huambo, João sentiu a plenitude daquele ensinamento aninhado em seu peito. Cada canto da aldeia, cada rosto conhecido, cada gesto de cuidado e solidariedade, deixava claro que ele crescia não apenas como indivíduo,

mas como parte de algo maior e eterno.

E enquanto as estrelas cintilavam, ele fechou os olhos sorrindo, sentindo o espírito comunitário pulsar dentro dele, um ritmo vital que o acompanharia em cada passo, ora como legado, ora como força para os dias que ainda viriam. Porque ser africano, ele sabia agora, era, acima de tudo, ser parte de um "nós" que carregava o mundo no coração.

O CONFLITO DA APARÊNCIA



A viagem à cidade foi marcada por uma mistura intensa de expectativa e nervosismo para João. Desde que chegara ao Huambo, raramente se afastara dos limites da aldeia, onde tudo lhe era familiar: os rostos conhecidos, as histórias entrelaçadas, o calor quase palpável da comunidade. Agora, com o coração acelerado, olhava pela janela do caminhão que serpenteava entre estradas de terra e buracos, imaginando o que encontraria naquela metrópole distante, cheia de prédios altos, ruídos e rostos diferentes.

Quando pisa no centro da cidade, o contraste logo o assalta: o céu parece se fechar diante das paredes cinzentas, o ritmo é frenético, e as pessoas circulam apressadas, cada uma imersa em sua rotina. João carrega consigo a solidez das raízes de sua aldeia, mas logo se vê diante de um desafio invisível, que atormenta seu espírito e põe à prova sua identidade.

Enquanto caminha pelas calçadas estreitas, sentindo o cheiro de fumaça misturado à mistura de comida e trânsito, percebe os olhares que se voltam para ele, alguns curiosos, outros desconfiados. O que mais o surpreende, no

entanto, são os comentários sussurrados, que rápidos como flechas atingem seu coração:

— Você nem parece africano.

— Sua pele é muito clara para isso.

— De onde você realmente é?

As palavras penduradas no ar cortavam como lâminas afiadíssimas. João sentiu a mão quente da angústia apertar seu peito. Durante toda a vida, crescera com a certeza de sua africanidade vibrante — não na cor da pele, mas nos ritmos, nas histórias, no senso de pertencimento que o seu povo lhe ensinara. Mas ali, na cidade, aquela confiança parecia desmoronar.

Ele afastou-se das ruas movimentadas, buscando refúgio em um pequeno parque que mal aparecia entre os prédios. Sentou-se em um banco frio, o corpo tenso e os olhos baixos, tentando entender por que a sociedade parecia tão presa a uma imagem restrita de africanidade que ele não encarnava.

— Não entendo — murmurou para si, enquanto os lábios tremiam —, por que a cor da minha pele deveria

definir quem eu sou? Por que querem amarrar minha alma a um tom que não se vê em mim?

De repente, uma voz familiar e suave tocou seu ombro.

— João, você está bem?

Era Mwana, que o havia seguido à cidade, não conseguindo deixar que a aflição dominasse o amigo. Ele olhou para ela, e encontrou nos olhos dela a certeza que lhe faltava.

— Eles não entendem — disse João, triste —. Para eles, ser africano é igual a ter a pele escura, como um tipo predeterminado. Eu não sou assim, e eles me tratam como se eu não pertencesse.

Mwana sorriu, mas seus olhos não tinham ingenuidade. Pegou a mão dele e apertou com firmeza:

— A africanidade não cabe na pele, João. Não é isso que nos define. É o que sentimos, o que carregamos dentro da alma. Sua pele é só um envelope; o que importa é o conteúdo.

Essa fala fez algo se acender dentro dele — uma

fagulha de resistência que ele nem sabia que possuía. João recordou das histórias da avó, dos provérbios sobre o coração e a coletividade, do toque dos tambores que o acompanhavam desde menino.

Nas horas seguintes, caminhando ao lado de Mwana pelas ruas da cidade, João foi encontrando forças para olhar para além do olhar alheio. Ele sentia que tinha o direito — e a necessidade — de reafirmar sua identidade, de mostrar que a true africanidade é plural, complexa, e não pode ser aprisionada em imagens estreitas.

Quando chegaram à praça central, viram um grupo de jovens africanos espalhados pelo banco. Um deles, de pele igualmente clara, cumprimentou João com um abraço caloroso.

— Você sabe, irmão — disse o rapaz, com um sorriso confiante —, muitas vezes as pessoas tentam nos colocar dentro de caixas, mas nós somos rios, não paredes. Nossa africanidade corre livre, nas veias, nos desejos, nos sonhos.

João sentiu um alívio profundo. Ali, naquele

abraço e naquela conversa, estava a prova viva de que não estava sozinho. A africanidade, compreendeu, era muito maior do que um padrão visual. Era uma chama indomável, feita de culturas, memórias e emoções que transcendiam a aparência.

Antes de despedir-se, o rapaz falou uma última frase que ficou no coração do menino:

— A verdadeira cor da África é invisível aos olhos. Ela está no espírito.

Naquela noite, ao deitar-se na pequena pensão onde estavam hospedados, João sentiu ainda latejar em si a dor do confronto com o olhar do mundo, mas também a chama da afirmação, do pertencimento pleno.

Ele sabia que o caminho à frente não seria fácil, mas estava pronto para enfrentar cada dúvida externa com a coragem que vinha das raízes profundas no Huambo, e da certeza de que sua africanidade, longe de ser negada pelo tom da pele, era forjada em valores, história e resistência.

E assim, enquanto as estrelas cintilavam lá fora, ele fechou os olhos, sentindo o pulso silencioso da sua cultura

vibrar forte dentro dele — uma batida invisível, forte e eterna, que nenhuma mão alheia poderia apagar.

CAMINHOS CRUZADOS: A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO



O sol começava a se esconder atrás das colinas que abraçavam o Huambo, tingindo o céu com tonalidades cálidas e suaves, quando João voltou para a aldeia carregando consigo não apenas as lembranças da cidade, mas também uma inquietação nova, que se misturava como brumas entre as raízes profundas de sua cultura. As vozes do passado e os sons do presente ecoavam em sua mente, compondo uma sinfonia complexa onde tradição e modernidade se entrelaçavam e, por vezes, colidiam.

Ao longo dos últimos meses, a aldeia expandira seu horizonte. Entre as velhas casas de barro e palha, erguiam-se agora antenas de telefonia móvel e pequenos comércios que ofereciam mercadorias vindas da cidade. Jovens que antes se limitavam às plantações e às festividades tradicionais começavam a usar roupas com cortes e cores estrangeiras, seus cabelos assumindo estilos nunca antes vistos nos caminhos de terra batida. O mundo modernizado chegava, com suas promessas de progresso, informação e transformação, abrindo janelas para horizontes antes inimagináveis.

João observava tudo isso com os olhos atentos do rapaz que crescia entre dois tempos. Nas rodas ao entardecer, ao lado da fogueira, os anciãos falavam sobre como essas mudanças traziam desafios, mas também novas oportunidades. Eles lembravam da importância de preservar os ensinamentos dos antepassados, enquanto entendiam a necessidade de adaptação.

— A tradição é o tronco forte da árvore — dizia Nzinga, sua avó, com a voz serena e cheia de autoridade —, mas os galhos podem crescer para o céu, em direção ao novo, sem que a raiz deixe de existir.

No entanto, nem todos compartilhavam dessa visão pacífica. Em algumas reuniões, surgiam divergências entre os mais velhos e os jovens, que desejavam as facilidades e expressões do mundo moderno. João viu de perto o conflito das gerações — os mais velhos defendendo os rituais, as danças, as línguas tradicionais; e os jovens, seduzidos pela música, a moda e as ideias que o rádio e os visitantes traziam.

Em uma dessas tardes, João ouviu, perplexo, uma

conversa acalorada. Um grupo de jovens defendia o uso da língua portuguesa em detrimento das línguas locais, argumentando que o futuro exigia "outro tipo de fala", mais conectada ao mundo globalizado. Um ancião, com voz firme e olhos brilhantes, respondeu:

— Se esquecermos as nossas línguas, perderemos nossa alma. A língua é o remédio e o veneno; ela cura e também mata quem a abandona.

João percebeu que, para ele, aquela tensão era mais do que um debate — era um espelho de suas próprias inquietações. Como poderia honrar os costumes do Huambo e, ao mesmo tempo, abraçar o mundo que se descortinava além das colinas? Como resistir à pressão de uma modernidade que tentava moldar tudo ao seu redor?

Decidiu buscar respostas nos rituais ancestrais que marcavam sua aldeia. Participou das danças de passagem, ouviu dezenas de histórias ancestrais contadas ao redor do fogo e rezou nos momentos sagrados com os mais velhos. Descobriu, então, que a tradição não era um fardo para impedir o avanço, mas uma força que sustentava o povo nos

momentos de transformação, dando-lhe a coragem para se reinventar sem perder a essência.

Em um encontro especialmente significativo, a comunidade inteira reuniu-se para celebrar o Ngola Mukanda, um ritual de iniciação que ressaltava os valores ancestrais de respeito, coragem e pertença. João, emocionado, percebeu que, mesmo com as roupas modernas e os celulares guardados discretamente nas bolsas, a essência daquele momento carregava um mistério vivo, uma chama tão antiga quanto as pedras que formavam a aldeia.

Por outro lado, na escola e nos encontros com amigos da cidade, João entrou em contato com conversas que traziam uma leveza nova, ideias e perspectivas que ampliavam seu mundo. Ele ouviu sobre música que quebrava paradigmas, sobre poesia urbana, sobre movimentos sociais que buscavam justiça e inclusão. Aquilo não era força estranha a ele, mas uma expressão contemporânea do mesmo espírito que pulsava nos antigos cantos e danças.

Em um diálogo profundo com Mwana, sua amiga de sempre, João compartilhou suas inquietações:

— Como podemos crescer sem deixar de ser quem somos? Não tenho certeza de conseguir ser moderno e ainda assim africano de verdade.

Mwana sorriu, pegando sua mão:

— João, ser africano é mais do que manter coisas antigas no lugar. É saber levar o que recebemos para onde queremos ir — é ser a ponte, não a muralha.

Ali, naquela conversa, ele entendeu que o desafio não era rejeitar o novo nem enterrar o passado, mas fazer com que eles conversassem, que se alimentassem mutuamente. A africanidade, pensou, não é monolítica — é como um grande rio que abraça afluentes diferentes, mantendo a força e o movimento.

Nas semanas seguintes, João participou de oficinas que mesclavam música tradicional com sons eletrônicos, aprendeu a usar o computador para pesquisar sobre seus antepassados e gravou vídeos onde misturava cantos antigos com poemas contemporâneos que escrevia. A aldeia continuava a mudar, mas a essência persistia, reinventada, pulsante.

Numa noite calma, sentado com sua avó na soleira da casa, ele disse:

— Avó, percebo que não precisamos escolher entre tradição e modernidade. Podemos ser os dois, ao mesmo tempo.

Ela sorriu, passando a mão em sua cabeça:

— É isso, João. Nossa cultura é como a terra fértil — aceita sementes novas, mas não esquece as raízes que a sustentam.

Enquanto a lua brilhava silenciosa no céu do Huambo, João sentiu que aquele diálogo entre passado e presente era o caminho que escolheria trilhar. Ser africano em um mundo moderno não era negar ou se prender, mas vivenciar, transformar e celebrar a multiplicidade de sua identidade.

E assim, caminhando pelos caminhos cruzados da vida, João aprendeu que a verdadeira força estava na capacidade de dialogar, de construir pontes entre mundos, e que nisso residia a riqueza maior da africanidade — uma identidade viva, dinâmica, que pulsa com o tempo e nunca

perde sua cor nem sua alma.

O RITMO DA RESISTÊNCIA



O sol já se punha sobre as planícies do Huambo quando João chegou à praça central da aldeia, onde uma roda de pessoas se formava em torno de Nzinga, sua avó. A penumbra da tarde trazia consigo a promessa de histórias que atravessavam gerações, relatos vivos que não morriam com o tempo, mas reacendiam a chama da memória e da resistência. João sentou-se entre os jovens, sentindo o corpo pulsar com a expectativa do que ouviria. Ali, naquele círculo sagrado, descobriria que a cultura era muito mais do que festividade — era uma arma, uma voz, um escudo contra toda forma de apagamento.

Nzinga começou a relatar, com a voz firme e cheia de emoção, sobre figuras lendárias que gravaram seus nomes na história do continente africano e além, homens e mulheres que resistiram às mais duras opressões e, ainda assim, jamais abriram mão da sua africanidade.

— Vocês conhecem a história de Agostinho Neto? — perguntou, olhando fixamente para cada jovem presente.

João suspirou e balançou a cabeça, curioso.

— Neto foi um poeta, médico e líder que lutou

pela independência de Angola — continuou com orgulho. — Sua arte e sua luta mostraram ao mundo que ser africano não era submissão, mas força e criatividade.

A emoção em sua voz fez com que cada palavra penetrasse fundo no coração de João. Ele imaginava aquele homem, vestido de coragem, carregando uma nação inteira nos ombros, usando a caneta e o discurso como espadas para enfrentar o colonialismo.

— E não só ele — acrescentou Nzinga. — Como Nzinga Mbande, a rainha que comandou a resistência no sul de Angola; como Mandume ya Ndemufayo, o rei que defendeu seu povo contra invasores com bravura incomparável. Cada um deles reafirmou a africanidade, mesmo quando tentaram arrancá-la deles.

João sentiu o orgulho crescer dentro dele, uma chama que misturava respeito, admiração e uma inquietude renovada. Pensava nas histórias que a avó contava ao redor do fogo, das lutas ancestrais que ainda corriam silenciosas nas veias da comunidade.

Naquela noite, inspirado pelos relatos, o menino

decidiu mergulhar mais fundo nos livros e relatos guardados na pequena biblioteca da aldeia, onde estava exposto um mosaico vibrante de imagens e manuscritos. Devorou escritos sobre figuras como Amílcar Cabral, cuja inteligência estratégica e amor pelo povo o transformaram em símbolo da libertação africana. Sentiu renascer dentro de si a força do passado e a urgência do presente para continuar aquele legado.

João descobriu também que a resistência não era apenas política ou militar, mas cultural. A preservação das línguas, das danças, dos rituais e dos provérbios era, em si mesma, uma luta contra o esquecimento imposto por forças externas. Cada canto entoado, cada novo verso aprendido significava um grito silencioso por identidade e dignidade.

Um dia, durante uma reunião na aldeia, ele ouviu o relato emocionante de Dona Mwana, uma das mais velhas e poéticas guardiãs das tradições locais.

— Quando chegamos à idade adulta, recebemos não apenas o nome, mas a missão de carregar a cultura adiante — disse ela, os olhos brilhando. — Em tempos

difíceis, nossa dança e nossa música são o que resta quando tudo parece perdido. Elas nos agarram, nos levantam e nos lançam para a frente.

João sentiu que a cultura era a armadura invisível que protegia seu povo de ser esmagado pelo tempo, pelo preconceito, por tudo que buscava apagar a sua presença no mundo.

Decidido, ele começou a escrever suas próprias histórias e poesias, inspirado por aqueles que vieram antes dele. As palavras tornaram-se ferramentas para afirmar sua africanidade, para desafiar os estereótipos e para compartilhar a beleza e a complexidade de seu povo. Sentia que, ao colocar no papel aquilo que seu coração pulsava, estava resistindo, construindo pontes entre passado e futuro.

Em uma noite luminosa, durante uma celebração que misturava canto, dança e discursos, João subiu ao pequeno palco improvisado e leu um poema que escrevera:

"Sou filho da terra que resistiu,
Sou voz que o silêncio não calou.
Nas veias, o sangue antigo fluiu,

Na alma, a força que tudo mudou."

A multidão o aplaudiu, e entre aplausos e lágrimas, João sentiu-se parte daquele fluxo contínuo de resistência e esperança.

Assim, marcado pela força dos que vieram antes, ele compreendeu que sua jornada pessoal era também coletiva. Que sua africanidade não era passiva, mas uma batalha vibrante de orgulho, luta e criação. Que, em cada gesto, cada palavra, estava a pulsar um ritmo ancestral — o ritmo da resistência que transformava dores em força, memórias em futuros e identidades em eternidade.

NARRATIVAS QUE TRANSFORMAM



O chiado suave do fogo na lareira preenchia a sala onde João se sentava, noite após noite, para ouvir as histórias que sua avó Nzinga lhe contava. As palavras dela não eram meras recordações; eram janelas abertas para mundos que existiam muito além das imagens simples, onde se entrelaçavam alegrias, dores, lutas e superações que formavam a matriz invisível de sua identidade. Sentado ao lado dela, João sentia o peso e a leveza dessas narrativas, histórias que o envolviam como um manto e que o convidavam a refletir sobre quem ele era.

Com o passar do tempo, as histórias familiares e dos antepassados da aldeia começaram a se multiplicar em sua mente; não eram mais vozes distantes, mas companheiras constantes. Ele ouviu falar da trajetória de seus bisavôs, que enfrentaram tempestades de guerras e crises, mas nunca abandonaram os costumes nem a fé na comunidade. Ouviu também os relatos partilhados em festas e rituais, que celebravam desde colheitas até resistências silenciosas contra as injustiças que atravessaram gerações.

Foi Nzinga quem lhe ensinou uma lição

fundamental:

— João, as histórias que contamos são mais do que passado; são lombadas que nos sustentam, flechas que apontam para o futuro. Elas nos fazem entender nosso lugar no mundo.

Naquela época, João começou a sentir dentro de si uma revolução íntima — a necessidade de se apropriar dessas histórias e transformá-las em algo vivo e compartilhado. Apoiado por Mwana, sua melhor amiga e parceira de tantas descobertas, ele ganhou coragem para pegar um caderno surrado que encontrara na casa da avó e começar a escrever.

Suas primeiras tentativas foram tímidas: pequenas crônicas que relatavam o cotidiano da aldeia, a circulação das estações, o sorriso das mulheres ao preparar os alimentos, o bailado dos meninos na festa anual do Ngola Mukanda. Mas, a cada palavra, sentia crescer nele o poder de dar voz não apenas ao que via, mas ao que sentia — à complexidade da africanidade que carregava, feita de múltiplos tons, silêncios e potenciais ainda por descobrir.

Foi nessa busca que João descobriu o papel

transformador das narrativas: elas não apenas registravam a história, mas moldavam quem ele era e como se relacionava com o mundo. Ao escrever, percebia que podia desafiar os estereótipos estreitos que muitas vezes acompanhavam a ideia de "ser africano". Ele podia, por meio da palavra, construir pontes entre a tradição e a modernidade, o pessoal e o coletivo, o visível e o invisível.

Em uma manhã, durante uma roda de leitura que organizou com outros jovens da aldeia, João leu em voz alta uma crônica que escreveu a partir do testemunho da avó:

"Não sou só a cor do meu rosto, sou a dança dos meus ancestrais, o canto que pulsa na veia do vento, o eco silencioso das línguas que viveram antes de mim. Sou a mistura de histórias que me atravessam, o sonho que carrego para além deste chão."

As palavras ganharam vida quando foram compartilhadas, provocando reflexões profundas entre os ouvintes. Alguns jovens se emocionaram; outros riram, viram-se representados e começaram, aos poucos, a contar suas próprias narrativas.

A iniciativa de João cresceu e, em meio à efervescência da expressão, surgiram oficinas de escrita, encontros de contadores de histórias e saraus poéticos, que deram voz a múltiplas versões da africanidade que ali florescia.

Mais do que isso, o ato de contar histórias em conjunto começou a transformar não apenas a percepção que tinham de si mesmos, mas também o modo como a aldeia era vista por outros — não como um lugar estático preso ao passado, mas como uma comunidade vibrante, cheia de vida, sabedoria e inovação.

Numa tarde de primavera, ao abraçar a avó após uma sessão de relatos, João sentiu uma gratidão imensa crescer em seu peito.

— Você deu voz ao que antes era silêncio — disse Nzinga, olhando-o com olhos brilhantes. — E é dessa voz que a cultura se renova.

Naquela época, João compreendeu que as narrativas são forças vivas que transformam. Que o que somos jamais será fixo, pois a história está em constante construção —

escrita, recriada, compartilhada, sentida. E que, ao assumir seu papel como contador e criador de histórias, ele não apenas se descobria a si mesmo, mas também fortalecia a ancestralidade que o sustentava.

E assim, palavra por palavra, crônica por crônica, João começou a traçar um caminho singular dentro do vasto mosaico da africanidade — um caminho que desafiava fronteiras, dissolvia preconceitos e iluminava a alma com a certeza de que a verdadeira força está em ser, acima de tudo, narrador da própria história.

QUANDO O CORAÇÃO RESPIRA ÁFRICA



A luz suave do entardecer tingia de dourado as colinas ao redor da aldeia do Huambo, enquanto João caminhava lentamente pelo campo aberto, deixando os pés descalços sentirem a textura da terra quente e firme sob eles. Era um daqueles momentos raros em que o mundo parecia suspenso, e o silêncio, quebrado apenas pelo murmúrio distante do vento nas folhas, convidava à reflexão. Ali, naquele abraço sereno da natureza, João permitiu que seu coração respirasse África na sua forma mais pura, mais profunda — para além das fronteiras visuais, das definições simples, das aparências físicas.

Durante toda a sua vida, João percebera como muitos tentavam reduzir a africanidade à cor da pele, a traços visuais que, apesar de comuns, não podiam traduzir a imensa complexidade daquele pertencimento. Ele mesmo fora alvo desses olhares estreitos, daqueles comentários que insinuavam que ser africano se resumia a um padrão físico. Mas, naquele momento de calmaria, ele entendia que a verdadeira africanidade era uma presença invisível aos olhos, mas palpável na alma e no espírito.

— Ser africano é, antes de tudo, um sentimento — refletia para si mesmo — uma respiração que pulsa dentro do peito, um ritmo silencioso que acompanha o bater do coração.

O coração, pensou, era a morada onde essa identidade se consolidava. Lá, os sons ancestrais dos tambores, o calor das histórias trocadas ao redor da fogueira, o odor da terra molhada após a chuva, e a textura das folhas da mangueira se fundiam em uma única experiência sensorial que não podia ser capturada por uma imagem — só vivida.

Lembrou das palavras de Nzinga, sua avó, que tantas vezes lhe falara sobre a alma africana, esse mistério que não se via, mas que se sentia tão forte quanto o sol que cai no horizonte:

— O que carregamos no coração é maior do que qualquer aparência — dizia ela. — É a coragem de ser, de resistir, de amar a terra que nos sustenta e as pessoas que nos pertencem.

Naquele instante de paz, João recordou as

diferentes conexões que sua africanidade lhe proporcionava. Ele pensou no Brasil, na diáspora, nas histórias da "mãe preta" que amamentou o povo brasileiro, nos tambores que ressoavam por muito além do continente africano, transformando-se em símbolos globais de resistência e pertencimento. Sentiu um amor quase palpável por esse elo invisível, feito de cultura, sangue, lembrança e esperança.

Não era apenas África que respirava dentro dele; era a África dos povos, das memórias compartilhadas, dos gestos ancestrais — uma África que se manifestava em muitos rostos, muitas vozes, muitas cores, mas que mantinha sempre a mesma essência profunda e luminosa.

João também sentiu no coração uma gratidão intensa pela sua aldeia, pelo Huambo, um lugar que, mesmo pequeno e simples, fora berço de uma riqueza imensa e invisível, um refúgio onde ele aprendera a escutar a voz do seu próprio espírito africano. Ali, havia danças, conversas, provérbios e silêncios que moldavam a sua percepção da vida, mostrando que o pertencimento ultrapassa barreiras geográficas e se enraíza no íntimo de quem somos.

Em uma caminhada pela noite, acompanhado da amiga Mwana sob o céu estrelado, João compartilhou suas reflexões:

— Sabe, Mwana, às vezes penso que a verdadeira cor da nossa africanidade não é algo que possa ser visto ou tocado — disse ele, com a voz baixa e cheia de emoção —, é algo que só o coração reconhece. Aquele pulsar secreto que nos une e que resiste contra tudo.

Mwana sorriu, sentindo o peso e a beleza daquelas palavras.

— Exatamente, João. É como se tivéssemos uma língua secreta, feita de amor, esperança e resistência. Uma língua que o mundo não vê, mas que nos mantém vivos e íntegros.

Enquanto caminhavam, as vozes das crianças do vilarejo ecoavam ao longe, misturando-se com o sussurro das árvores e o ressoar de alguns tambores ao longe. João sentiu naquela mistura a prova incontestável de que a africanidade era muito mais do que aparência ou território — ela era uma força espiritual que se manifestava tanto no

riso dos pequenos quanto na luta dos mais velhos.

Naquela noite, deitado sob o céu cintilante, o menino ouviu o silêncio como nunca antes. Um silêncio cheio, carregado de significado, como se o universo inteiro sussurrasse para ele os segredos da própria alma africana. Ele sentiu o seu coração expandir-se, respirando em sintonia com a imensa tradição viva que o conectava a um passado vasto e a um futuro incerto, mas nunca solitário.

Sabia, enfim, que sua africanidade era uma respiração profunda, um caminho invisível feito de emoções e raízes profundas, que ultrapassava todo critério superficial e o tornava, para sempre, parte daquele pulsar eterno e indestrutível.

E assim, naquela serenidade infinita, João deixou seu coração respirar África com todo o amor, a força e a esperança que cabem no peito de um menino que aprende a se reconhecer em mil vozes, mil cores e mil histórias que compõem a verdadeira essência do seu ser.

A COR INVISÍVEL DA ALMA



A aldeia do Huambo despertava com o cantar dos galos e o aroma úmido da terra molhada pela chuva suave da madrugada. João caminhava lentamente para a praça central, onde um encontro especial havia sido marcado: jovens da aldeia e da cidade se reuniriam para conversar sobre o que significava ser africano, além das aparências, das cores e dos corpos. Ele sentia uma mistura de ansiedade e empolgação - afinal, aquela seria a primeira vez em que teria a chance de ouvir e compartilhar as suas próprias inquietações sobre identidade com outros jovens que, assim como ele, carregavam histórias diversas, rostos diferentes, mas um elo comum invisível e forte.

Quando chegou, encontrou um grupo heterogêneo. Uns tinham a pele escura como a noite sem estrela; outros, alguns poucos, tinham o tom mais claro, que não cabia nos estereótipos rigidamente traçados pela sociedade. Havia também jovens com cabelos trançados e outros com cortes curtos, roupas tradicionais e outras que refletiam o mundo urbano pulsante. No centro daquela diversidade, João percebeu uma coisa: apesar das diferenças externas, algo

muito profundo os unia.

O primeiro a falar foi Lemba, um rapaz de pele clara e olhos intensos que, com a voz segura, disse:

— Sempre ouvi dizer que para ser africano basta a cor da pele. Mas quando comecei a buscar verdade, entendi que nossa africanidade não está na superfície. Ela é uma energia que corre nas veias, um modo de pensar, sentir, agir. É a alma que pulsa, mesmo que ela não se veja.

João sentiu, naquele instante, uma ponte invisível se formar entre eles. Nunca antes havia encontrado palavras que traduzissem a confusão e o sentimento que carregava.

Outra jovem, Amina, então complementou, com o brilho nos olhos:

— Somos muitos rostos, muitas vozes, muitos ritmos. Deduzir a africanidade pela aparência é como tentar olhar para um rio e dizer que ele é só a cor da água que vemos — esquece-se do movimento, da profundidade, da vida que ele carrega.

João sorriu, sentindo pela primeira vez um alívio e uma força inéditos. Ali, naquele espaço, a verdade sobre

ele e muitos outros jovens parecia emergir, clara como a voz daqueles companheiros.

Ele, então, compartilhou sua própria história, a luta silenciosa contra o preconceito por ter uma pele diferente do estereótipo do continente que habitava em seu coração.

— Por muito tempo — disse — me senti como se precisasse provar minha africanidade, como se minha pele fosse uma barreira. Mas agora entendo: a africanidade não é uma cor, é um sentir que vive dentro da gente, que se manifesta na cultura que carregamos, nos sonhos, nas batalhas, no amor que temos por essa terra e seu povo.

Outra jovem, Mwila, escondeu um sorriso emocionado enquanto completava:

— Meu pai sempre dizia que somos como o sol que se manifesta em vários tons: a cor visível pode variar, mas o calor e a luz permanecem iguais.

A conversa ganhou ritmo, os olhares se encontravam e as vozes ecoavam num coro de identidades complexas e múltiplas. A africanidade, ouviam-se falar, é energia viva, pensamento coletivo e sentimento profundo

de pertença.

Não era sobre ser de um jeito só, nem se encaixar em moldes estreitos. Era sobre reconhecer, aceitar e celebrar essa pluralidade — o continente que é casa para mil vozes e mil cores invisíveis à pele.

João sentiu o corpo se acalmar, a mente clarear. Percebeu que sua africanidade não precisava de aprovação externa, nem de parâmetros rígidos. Ela existia no espaço entre as histórias que carregava, nos cantos que ouvia, no modo como via o mundo. Independente do tom de sua pele, ele era feito da mesma essência que brotava das raízes profundas daquele continente.

Ao final do encontro, o grupo espalhou-se pela aldeia com um sentimento novo, uma aliança invisível, porém concreta. João sabia que aquela conversa transformadora plantava sementes que cresceriam, desafiando preconceitos e abrindo espaço para que cada um pudesse respirar sua africanidade em liberdade.

Naquele dia, enquanto o sol se punha sobre o Huambo, João entendeu que a verdadeira cor da África é

aquela que ninguém vê — a cor invisível da alma, feita de energia, pensamento e amor. E é essa cor que ele escolheria carregar eternamente, com orgulho e convicção.

PASSADO E FUTURO ENTRELAÇADOS



O vento soprava suave naquele fim de tarde no Huambo, levando consigo folhas secas que dançavam preguiçosamente pelos caminhos de terra. João sentava-se sob a sombra acolhedora do baobá, seus olhos perscrutando o horizonte onde o céu encontrava as colinas e os campos verdes. Era um instante de calmaria, um intervalo precioso onde o passado e o futuro pareciam se entrelaçar como os galhos que se retorcem no alto da árvore ancestral.

Naquele momento, o menino sentia a pulsação profunda da história que o acompanhava, a voz das gerações que vieram antes dele e o legado que lhe fora confiado. A africanidade que habitava nele não era apenas um traço cultural ou estético. Era um fio contínuo que ligava as vozes antigas às esperanças vibrantes que ele mesmo carregava.

Enquanto o sol se punha, João recordava as histórias que ouvira nos últimos anos — sobre reis e rainhas, guerreiros e sábios; sobre aldeias que floresceram e outras que resistiram às tempestades da colonização; sobre a língua, os rituais, os provérbios e as danças que mantinham viva a alma de seu povo. Aquela tapeçaria era

vasta e complexa, e ele sabia que sua existência era um pedaço vivo dela.

Mas, ao mesmo tempo, seus pensamentos voavam para o que viria. Pensava nas crianças do vilarejo, na juventude curiosa e inquieta, na aldeia que ia mudando, pequena sora na vastidão do mundo globalizado. João compreendia que preservar a africanidade não era um ato estático ou nostálgico. Era um compromisso dinâmico, uma construção diária feita com coragem, amor e sabedoria.

No meio daquela reflexão, sua avó Nzinga se aproximou silenciosamente e sentou ao seu lado, oferecendo-lhe um sorriso carregado de ternura e força.

— João, — disse ela com voz calma — o passado tão forte quanto o futuro. Cada história que ouvimos, cada cultura que honramos, é uma semente que plantamos no solo do amanhã.

Ele olhou para ela e sentiu o peso sagrado da missão que lhe cabia.

— Mas, avó, como podemos garantir que aquilo que somos sobreviva neste mundo tão grande e às vezes tão

estranho para a gente?

Nzinga respondeu após um instante de silêncio:

— Nós resistimos não porque ficamos presos ao antigo, mas porque somos capazes de caminhar com os dois pés — na tradição e na modernidade. É preciso ensinar, compartilhar, adaptar, mas nunca esquecer de onde vimos. Assim, o legado se mantém vivo.

João refletiu naquele ensinamento, percebendo que sua africanidade era um elo entre o tempo dos ancestrais e o dos que ainda nasceriam sob aquele céu. Ele sabia que os desafios seriam muitos — as influências externas, as mudanças sociais, as vozes que tentariam apagar ou simplificar sua complexa identidade —, mas tinha a convicção firme de que esse entrelaçar de passado e futuro era a força que sustentaria seu caminho.

Nas manhãs seguintes, João dedicou-se ainda mais à escrita e à coleta de histórias. Queria registrar não só o que vivera, mas o que sonhava para as futuras gerações. Entendia que a palavra escrita era um instrumento poderoso para manter viva a memória, para fortalecer

o pertencimento e para projetar a africanidade em novos cenários, onde a diversidade e a riqueza cultural pudessem florescer livremente.

Em encontros com outros jovens, ele compartilhava essas ideias, incentivando-os a valorizar suas raízes enquanto se preparavam para os tempos que viriam. Juntos, discursavam, criavam projetos, debates e ações que uniam o passado e o presente, traçando uma rota para a preservação do que era essencial.

Durante uma cerimônia festiva da aldeia, João subiu ao pequeno palco e discursou para os reunidos, com a voz firme e o olhar brilhando com a força da paixão.

— Somos o elo entre o ontem e o amanhã — declarou. — A responsabilidade de preservar nossa cultura é nossa, dos que aqui estão e dos que ainda virão. Não podemos permitir que a riqueza de nossa africanidade se perca no tempo. A tradição é nosso solo; o futuro, o fruto que queremos colher.

Naquele instante, viu nos olhos dos presentes a mesma luz que os guiava há séculos — uma chama que

encoraja, que resiste e que sonha.

E assim, sob as estrelas que começavam a pontilhar o céu do Huambo, João sentiu profundo e renovado o entrelaçar do passado e do futuro, a certeza de que sua africanidade era uma herança viva que exigia amor, luta e entrega — mas que também tinha a força invencível de florescer, para além de fronteiras e tempos, eternamente.

ÁFRICA: MIL CORES, MIL VOZES



O sol da manhã iluminava o céu do Huambo com uma luz dourada que dava um brilho especial às casas simples da aldeia. João estava ansioso naquele dia, pois uma caravana cultural chegaria para apresentar aos moradores do seu vilarejo uma mostra das riquezas e diversidades do vasto continente africano. Para ele, acostumado à riqueza de sua pequena aldeia – seus costumes, a língua kikongo, as danças do Huambo – aquela visita era a oportunidade perfeita para conhecer um pouco mais do que existia além das colinas que abraçavam sua terra.

Quando os visitantes desceram de seus veículos, João percebeu a multiplicidade de estéticas, ritualísticas e vozes que compunham a cultura africana. Havia homens e mulheres trajando roupas coloridas de tecidos variados, de cidades distantes e tribos longínquas, olhos brilhantes de orgulho e histórias nos gestos. Cada um representava uma fatia diferente, um pedaço da imensa tapeçaria do continente.

A primeira apresentação foi de músicos senegaleses, cujos tambores ressoavam com uma cadência

forte e contagiante. A batida parecia atravessar o tempo, convidando a todos a se conectarem com os ancestrais, aqueles que dançaram sob as estrelas muito antes da existência da aldeia do Huambo. João, enlevado, sentiu o corpo pulsar em sintonia com aquele ritmo, sentindo que a batida era maior do que ele — era um chamado a se unir a uma história vivente e multifacetada.

Depois, vieram os contadores de histórias do Quênia, que narraram em voz alta contos antigos sobre animais sagrados, batalhas e a criação do mundo. As palavras dançavam pelo ar, ganhando vida nas expressões dramáticas e nos gestos precisos dos narradores. Era a oralidade africana, em sua forma mais pura, mostrando que o continente é feito de múltiplas vozes, cada uma acrescentando camadas de sentido ao grande mosaico cultural.

João percebeu, ali, pela primeira vez, o quanto a africanidade não era homogênea, não era uma pintura feita com uma só cor. Era um prisma que refletia mil cores – línguas, rituais, sabores e histórias que, mesmo em sua

diversidade, erguiam uma unidade forte e bela.

Mais tarde, uma jovem mulher vestida com trajes berberes sentou-se com João e explicou-lhe a importância da identidade cultural, do respeito pelas diferenças e da valorização do que cada grupo guardava de precioso.

— Na África, cada povo traz um ritmo, uma voz própria — disse ela, olhando nos olhos do menino. — Mas juntos nós formamos uma orquestra incrível, onde cada instrumento tem seu valor e papel.

João guardou aquelas palavras no coração. Entendeu ali que ser africano não significa apenas compartilhar um território, mas celebrar a diversidade como fonte de riqueza e força. A africanidade era plural, mutante, cheia de nuances que extrapolavam a pele e as fronteiras.

Quando chegou a vez dos dançarinos zulu, a aldeia toda se juntou para seguir aqueles movimentos vibrantes, que contavam histórias de coragem, solidariedade e resistência. As crianças imitavam os passos, com risos e olhos brilhando, enquanto os mais velhos balançavam a cabeça em respeito e admiração. Era uma celebração da

vida, um testemunho de que a diversidade cultural não diminui a unidade, mas a fortalece.

João observava tudo aquilo com um sorriso crescente no rosto. Seu coração expandia-se para acolher aquele vasto continente feito de mil cores, mil vozes e mil histórias. Compreendia, finalmente, que a africanidade era um rio caudaloso com muitos afluentes, cada um diferente, mas todos pertencentes à mesma grande corrente.

Naquele dia, ao caminhar de volta para casa sob o céu já tingido de rosa pelo pôr do sol, João sentiu que sua identidade também se ampliava, deixando de ser um traço isolado para se tornar parte de algo mais amplo, um diálogo contínuo entre passado e presente, entre a aldeia do Huambo e o mundo inteiro.

Sentiu-se, ao mesmo tempo, um filho único e um fragmento essencial da imensa constelação africana — diverso, plural e indestrutível.

E enquanto as estrelas começavam a brilhar, ele sussurrou para si mesmo, com a certeza de quem sabe seu lugar no mundo:

— África é mil cores, mil vozes... e eu sou parte delas.

O LEVE TOQUE DOS PROVÉRBIOS



O sol filtrava seus raios mornos entre as folhas da mangueira quando João chegou ao quintal da avó Nzinga, ansioso pelo momento que mais gostava nas suas manhãs: a roda de provérbios, aquele encontro entre o passado e o presente, onde palavras antigas se transformavam em bússolas para a vida. Sentado ao redor da pequena fogueira, ele observava o rosto iluminado da avó, que começava, sempre com a mesma magia, a plantar aquelas sementes de sabedoria em seu coração jovem.

— João, as palavras dos antepassados são como árvores frondosas — começou Nzinga, com voz firme e calma. — Elas dão sombra para os dias de sol e abrigo para as tempestades da vida.

E foi assim que, daquela primeira vez, João mergulhou no universo encantado dos provérbios, frases curtas, mas carregadas de sentidos tão profundos que pareciam conter o segredo da convivência humana e do entendimento do mundo.

— "Quem quer colher, tem de plantar com paciência" — disse Nzinga, olhando nos olhos do neto. —

Isso nos lembra que nada acontece sem dedicação e tempo. A pressa pode até parecer caminho, mas é a paciência que faz a colheita ser boa.

João anotava mentalmente, sentindo que aquela frase servia para a escola, para a família, para a vida toda. Percebia que tudo o que queria — aprender, amar, ser respeitado — precisava da semente do empenho e do tempo.

Outro provérbio veio em seguida:

— "A boca que come não fala." — Nzinga riu, explicando: — É um convite à humildade e ao respeito. Saber ouvir é tão importante quanto falar. Às vezes, é na escuta que está a verdadeira sabedoria.

João lembrou do que acontecia na aldeia, da importância dos mais velhos, do silêncio respeitoso quando as histórias eram contadas — um convite para observar, aprender e entender o espaço que cada um ocupa.

Quando a avó falou sobre:

— "A água que não corre forma pântano," — João sentiu que aquele ensinamento não era só para a natureza, mas para as pessoas. Era um chamado para não estagnar,

para seguir em movimento, crescendo e se transformando.

Ficou claro para ele que os provérbios eram, em essência, guias práticos para a convivência, lições enxutas que cabiam no bolso da memória e podiam ser usadas nas mais variadas situações.

Meses depois, durante a festa na aldeia, João ouviu um jovem dizer:

— "A mão que oferece é mais valiosa do que a que recebe."

Por um instante, João percebeu que aquele velho ditado apontava para algo muito além da generosidade material. Era o valor do gesto, da solidariedade sincera, do ato de ir ao encontro do outro com o coração aberto — um elemento vital para o sentido de comunidade que tanto o encantava.

Em outro momento, quando estava em dúvida sobre como resolver um conflito com um amigo, Njau, o ancião da aldeia, repetiu para ele um provérbio que soou como um conselho claro:

— "A raiz da árvore está segura quando cresce

junta a outras."

João compreendeu ali o peso daquela frase; nada na vida deveria ser construído isoladamente. O suporte mútuo, a confiança e a cooperação eram da essência de uma vivência harmoniosa.

Com o tempo, João começou a trazer para as suas escritas esses ensinamentos milenares. Incorporava os provérbios, não como meros enfeites, mas como verdades vivas que davam forma às suas palavras e seus pensamentos. Sentia que, ao plantar essas sementes nas histórias que criava, ajudava a conservar a riqueza imaterial que dava fôlego à identidade africana que habitava nele.

Em momentos de incerteza, ele voltava ao quintal da avó, buscava a voz de Nzinga e nela encontrava conforto e aprendizado, como se aqueles provérbios fossem estrelas que nunca deixavam de brilhar, guiando-o em noites escuras e clareando os caminhos incertos.

Numa noite serena, sentado enfim com a avó a observá-la dormir depois de tanto transmitir, João sentiu uma alegria profunda: saber que aquelas palavras milenares,

aqueles “leves toques” que os provérbios davam no coração, eram mais do que meros ditados — eram sementes vivas que germinavam em sabedoria, ensinando-o a ser, a amar, a crescer.

E assim, um a um, cada provérbio plantado no seu íntimo seguiria florescendo pelo resto da vida — guiando suas escolhas, fortalecendo seus laços, nutrindo sua alma africana. Porque a verdadeira africanidade, ele sabia agora, se revela também no sussurro manso e poderoso das palavras que atravessam o tempo e falam diretamente ao coração.

ENCONTROS QUE DESAFIAM FRONTEIRAS



O avião deslizava entre as nuvens enquanto João contemplava a vastidão azul que se estendia sob suas asas, uma metáfora perfeita para a jornada que estava prestes a iniciar. Saíra da aldeia do Huambo com o coração repleto de histórias e raízes, mas também com a curiosidade inquieta de quem sabe que a africanidade pulsa em muitos cantos do mundo, assumindo formas múltiplas e vibrantes. Estava prestes a se conectar com as diásporas, com comunidades negras espalhadas e reinventando sua identidade, como se a própria africanidade fosse um rio caudaloso, que nunca deixa de correr, de se transformar.

Seu primeiro destino foi Salvador, na Bahia, Brasil — um lugar onde a presença africana é tão marcante que se sente no ar, nas cores, no som dos tambores e na fé que mistura orixás aos santos católicos. João caminhava pelas ruas cheias de história e energia, absorvendo as múltiplas camadas culturais que se mesclavam ali, e logo percebeu que ali a africanidade não era uma mera lembrança distante, mas um elemento vivo e pulsante da identidade cotidiana.

Em encontros com jovens baianos, João percebeu

as semelhanças e as diferenças entre sua experiência no Huambo e a deles. Eles falavam com orgulho da capoeira, do samba de roda, das festas de candomblé — expressões que, embora adaptadas no tempo e no espaço, mantinham a força ancestral de resistência e pertencimento. Num desses encontros, um jovem chamado Caio falou com paixão:

— A africanidade para nós é resistência, é celebração, é transformar a dor em arte, é construir identidade numa terra que nem sempre nos acolhe plenamente.

João assentiu, sentindo a intensidade daquele sentimento. Percebeu que, assim como ele vivia a africanidade pelas histórias da aldeia e pela tradição oral, eles a viviam pela dança, pela música e pelas lutas cotidianas da cidade.

Mas a viagem continuava, e João atravessou o Atlântico até Londres, onde encontrou um cenário muito diferente — uma metrópole cosmopolita, onde muitos descendentes africanos criavam novas formas de se reconhecer, dialogar e reivindicar espaço e identidade. Ali, na comunidade negra britânica, a africanidade apareceu em

ritmos como o grime e o afrobeats, nas artes urbanas, nos movimentos políticos que buscavam igualdade e justiça.

Ao conversar com Amara, uma jovem escritora nigeriana radicada na Inglaterra, João escutou algo que o marcou profundamente:

— A africanidade é um fluxo, uma fala que nunca se repete igual. Para nós na diáspora, reinventar a nossa cultura é sobrevivência — é não deixar que o imperialismo apague nossas vozes, mas também é abrir espaço para novas expressões, multiétnicas, plurais.

Essa ideia ressoou forte no coração de João. Viu que ser africano não era se agarrar a uma forma rígida, mas abraçar a diversidade e a fluidez que o tempo e o mundo trazem.

Ainda naquela viagem, João esteve no Harlem, em Nova York, onde a influência africana se fazia notar na música jazz, no hip-hop, nas manifestações artísticas e políticas. Lá, encontrou um grupo de jovens e idosos, diferentes em estilo, mas uma mesma chama os unia — o orgulho da ancestralidade, a valorização da cultura negra

enquanto instrumento de transformação social.

Ele participou de rodas de conversa e projetos que lutavam contra o racismo, a exclusão e buscavam construir uma identidade negra consciente e potente. Enquanto escutava, sentia a africanidade se revelar em múltiplas dimensões: na resistência, na criatividade, no amor pela história e na urgência da esperança.

De volta à África, relembrava essas experiências e entendia que a africanidade era uma constelação de pertencimentos — do Huambo, do Brasil, da Inglaterra, dos Estados Unidos — que se entrelaçavam em sua própria história pessoal. Era uma identidade viva, multifacetada, feita de encontros e reencontros, de tradições que se adaptam e se recriam.

Na última noite de sua viagem, olhando o céu estrelado e sentindo o pulsar do continente em variadas vozes, João escreveu em seu caderno:

"Ser africano não é um padrão estático, nem uma cor visível. É uma rede de histórias, uma energia que atravessa mares e tempos, que se reinventa e se fortalece em

cada canto, em cada gesto, em cada palavra.”

Ele sabia que aquela experiência o transformara para sempre. A africanidade, nas diásporas e nas raízes, era um rio caudaloso que nunca se cansa de correr, levando consigo memórias, lutas e sonhos.

E assim, com a alma expandida, João retornava ao Huambo — mais conectado, mais pleno, confiante de que aquela pluralidade era, de fato, a verdadeira cor invisível que pintava o seu ser de dentro para fora, uma pulseira que o unia aos milhões de corações africanos espalhados pelo mundo.

EU SOU EU MESMO: A CELEBRAÇÃO DA IDENTIDADE



O sol despontava no horizonte da aldeia do Huambo, tingindo o céu de tons quentes que pareciam celebrar junto com a natureza o momento que João sentia em seu peito: a chegada a um lugar pleno de si mesmo, um entendimento profundo de sua africanidade — não como uma cor da pele, mas como uma chama viva no espírito. Após tantos encontros, questionamentos, histórias ouvidas e vividas, finalmente ele compreendia que ser africano era antes de tudo ser inteiro num mundo complexo, multifacetado, em constante transformação.

Naquela manhã, João caminhava com passos firmes pelo caminho de terra batida, sentindo a brisa fresca lhe acariciar a pele, consciente de que a verdadeira cor da África não estava impressa no reflexo do espelho, mas pulsava invisível em sua essência. Na praça central, a comunidade se reunia para a tradicional cerimônia que marcaria a passagem de uma etapa importante em sua vida — uma celebração não só sua, mas de todos que respiravam o mesmo ar, carregavam o mesmo sangue ancestral e partilhavam do mesmo sonho coletivo.

O ritual começou com cânticos antigos, vozes que se erguiam em uníssono, ritmos que rememoravam o passado e apontavam o futuro. João se sentia envolvido, como se cada palavra e cada gesto o enraizassem ainda mais na imensa árvore da cultura africana. Os tambores pulsavam no seu peito, sincronizando o corpo e a alma, despertando memórias profundas e a certeza de pertencimento.

Durante a cerimônia, Nzinga, a avó sábia que desde sempre guiara seus passos, aproximou-se e disse-lhe ao ouvido, com a suavidade que só o amor pode carregar:

— João, você é a soma de mil histórias, mil vozes, mil cores. Mas nenhuma supera a cor da sua alma. Essa é a sua verdadeira identidade, o que ninguém pode tirar.

As palavras da avó ecoaram dentro dele como um cântico sagrado. Ele, que desde menino ouvira dizer que sua pele não correspondiam ao que alguns chamavam de "africano", agora sabia que a pele era apenas uma vestimenta, e que a essência estava muito além disso.

A cerimônia terminou com a dança de despedida, onde todos participaram — crianças, jovens, anciãos —

celebrando a vida, a continuidade da cultura e a unidade diversificada que formavam. João dançava com o coração aberto, sentindo que naquele movimento pulsava a energia dos seus ancestrais e o compromisso dos que ainda virão.

Mais tarde, sob a luz das estrelas que brilhavam com uma intensidade quase mágica, João ouviu-se dizer para si mesmo, num sussurro firme:

— Eu sou eu mesmo.

Não mais um amontoado de dúvidas ou perguntas sobre pertencimento, mas uma afirmação clara e profunda de quem era. Era africano porque sentia na alma o ritmo, a história e a esperança que atravessavam séculos e continentes. Era africano porque carregava dentro de si a coragem, a sabedoria e o amor do seu povo.

Ele entendeu que essa identidade era viva, fluida e poderosa. Que a verdadeira cor da África era invisível aos olhos, mas luminosa e indestrutível no coração. Que sua africanidade não precisava ser provada por aparências externas, mas revelava-se na forma como ele pensava, sentia, lutava e amava.

E assim, com a alma plena e a esperança renovada, João sentiu que estava pronto para seguir seu caminho, levando consigo a herança dos antepassados e a promessa de construir um futuro onde cada cor, cada voz e cada história africana fossem celebradas em toda a sua riqueza e complexidade.

Porque a cor da sua africanidade não era uma tinta sobre a pele — era a luz invisível que emanava do âmago, a cor da alma que canta, resiste e floresce para sempre.

Do autor



Joao Portelinha da Silva

EU SOU EU MESMO

Eu sou quem sou, sem pedir licença, uma chama que dança na própria sombra e penumbra. Nascido da palavra que atravessa a existência, um coração que pulsa memória na corrente do mundo. Sou sonho que resiste ao tempo e ao medo, raiz que mergulha fundo no peito, busca

lume. Entre quedas, firme o juramento que acalento: ser inteiro, mesmo quando o mundo oprime e consome. Sou o ritmo do batuque que aprende com a dor antiga, o pulso que aviva coragem, que ama sem medo.

Se me perco, retorno ao fogo que cintila, eu sou eu, inteiro, guardião do meu segredo. Estou às vezes no fogo, na maré de sal e entre as flores... vento que canta nos fios do meu próprio nome.

Se a noite se alonga, eu acendo a minha garra, eu sou eu, pleno verbo em minha garganta que clama... chamam-me de Ndala Tchacussugama, nome de guerra, de Joao Portelinha da Silva, João D'Angola, Djon , Negão ou simplesmente de João!

Mas eu sou eu mesmo...

"Sentir a terra nas vozes dos poetas".

Dedicatória

À memória de minha mãe, Rosa, minha primeira e mais fiel leitora.

Por cada página que leu, cada silêncio que me ouviu, e por ter acreditado nas palavras antes mesmo de elas existirem.

Em A Cor da Minha Africanidade, João Portelinha da Silva apresenta uma jornada de descoberta da identidade africana, da ancestralidade e do pertencimento cultural. Por meio de histórias, tradições, provérbios, ritmos e memórias, a obra celebra a riqueza da cultura angolana e os laços históricos da diáspora africana. Um convite à reflexão sobre identidade, diversidade e a compreensão de que a verdadeira africanidade ultrapassa a cor da pele e permanece viva na alma, na cultura e na memória de um povo.



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA